

ANO IV
1946
1350
PREÇO \$50

DIÁRIO POPULAR

LISBOA
2.º febr
1
Julho

Director: LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Editor: João Rebelo — Propriedade da Sociedade Industrial da Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 47 — Telefones 19201/2/3 — Endereço Teleg.: «Popular»

DEPOIS DA EXPLOÇÃO ATÓMICA

ERGUERAM-SE DE BIKINI

DUAS GIGANTESCAS COLUNAS DE FUMO E CHAMAS

— escreve especialmente para o «Diário Popular» um reporter americano que sobrevoou a região pouco depois do ataque

A BORDO DO AVIAO DA IMPRENSA NAS PROXIMIDADES DE BIKINI, I. — Se nós pudermos ver o alvo ele será atingido, foram as ultimas palavras de Wodrow Swanscott, comandante da «Fortaleza Voadora» «Daves Dream» que lançou a bomba atômica sobre o «atoll» de Bikini, no momento em que erguia-se o caminho do cruzador «Nevada».

hordo para assegurar as noticias do acontecimento para o mundo inteiro e se o «Daves Dream» sairia incolme da grande aventura.

Cinquenta pés á minha frente podia ver a cabeça e os hombros do meu companheiro William (Continua na 12.ª pag.)

MAIS «TAXIS»

PARA LISBOA E PORTO

Em Dezembro de 1936, foi publicado um decreto segundo o qual, a partir daquele momento, não poderia ser admitido mais nenhum automóvel com taxímetro nas praças de Lisboa e Porto, a não ser em casos restritos de substituição.

Como, por outro lado, muitos dos que então existiam foram retirados sucessivamente desse serviço, acontece que existem actualmente nessas praças muito menos carros do que naquele ano de 1936.

A NUVEM

RÁDIOACTIVA

ESTÁ A DESENVOLVER-SE

SÔBRE BIKINI

CONFORME AS PREVISÕES

— declarou o almirante Blandy

A BORDO DO «APALACHIAN».



Mulheres de armas, a lembrar a padeira de Aljubarrota? Não! Simplesmente uma jogadora inglesa de «cricket», miss D. M. Etholea, do grupo Xwaslans, exibindo-se em Brentwood

se W. H. P. Blandy, dirigia-se lentamente, com o «Mount McKinley» á frente, nas águas calmas do Pacífico, em direcção a Bikini — duas horas depois da explosão da bomba atômica numero quatro.

A columna de fogo que se elevou a 50.000 pés de altura, sobre Bikini em consequência da explosão da bomba — lançada ás 9 horas (hora local) — 22 horas (gmt) da «Super-Fortaleza Voadora» «Daves Dream» — tinha desaparecido completamente depois de 90 minutos.

Da ponte do comando do «Mount McKinley» o almirante Blandy anunciou que o lançamento da bomba tinha constituído um êxito, que cinco navios se encontravam em chamas na lagoa, que um sexto adernara e um sétimo ficara danificado.

Mais tarde, o almirante Blandy anunciou que não houvera vítimas (Continua na 7.ª pag.)

VAI HAVER

MAIS 200 MIL

MOEDAS DE 2\$50

Por um decreto hoje publicado, vai ser elevado de mais 5.000.000\$000 o limite de emissão de moedas de prata, a preencher, apenas, pela cunhagem de moedas de 2\$50.

De acordo com esta medida, em breve serão postas em circulação mais 200 mil daquelas moedas.

PEÇO A PALAVRA

HARMONIA

pelo prof. DELFIM SANTOS

É talvez um tema estranho aos nossos dias o que o título sugere. No entanto, nem por isso deixa de ter interesse aludir-se ao valor que sempre tem dominado, como intenção, os melhores momentos da cultura europeia. A história do conceito de harmonia e a história da cultura, e é possível, a cada período desta, encontrar correlação estreita com a noção de harmonia, que os homens pretendem realizar. A cultura grega simboliza um conceito especial de harmonia, que, por sua vez, é diferente da harmonia que orientou a civilização romana e a civilização cristã, etc. Possivelmente a harmonia existe na natureza, como pretendia Leibnitz, mas a finitude de compreensão, de que o homem é largamente dotado, não lhe deixa descobrir a razão porque o bem implica o mal, o belo implica o feio, o amor implica o ódio, etc. A razão do homem ante es-



A formosa Lana Turner, com a sua não menos formosa filha, a pequena Christiane

O MINISTRO DA ECONOMIA INAUGUROU HOJE

EM VIDAGO

O NOVO BALNEÁRIO

VIDAGO, 1. — O Ministro da Economia encontra-se desde ontem á noite nestas terras, onde veio, por convite que lhe foi dirigido e em visita oficial, inaugurar o novo Balneário da Empresa Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas — melhoramento resultante da ampliação das instalações já existentes.

manhã, estando presentes, além do dr. Luis Supico Pinto, os convidados da Empresa, dr. Trigo de (Continua na 12.ª pag.)

A inauguração effectuou-se de

BYRNES

INSISTIRÁ HOJE

EM PARIS

PARA QUE A CONFERÊNCIA

DA PAZ

SE REALIZE ESTE MÊS

PARIS, 1. — Nos círculos políticos desta capital, afirma-se que o Conselho dos Ministros dos Estrangeiros dos Quatro Grandes concordará em convocar para 25 do corrente mês, a reunião da Conferência da Paz, na qual participam 21 das nações.

Na reunião de sábado da Conferência de Paris, Byrnes em termos por vezes violentos accus Molotov de estar a vetar a paz mundial, o que era absolutamente inadmissível e exigiu que a reunião da Conferência da Paz fosse marcada para o dia 25 do corrente mês, tendo declarado:

«Se fracassar o plano para a realização da Conferência da Paz, na data mencionada, toda a responsabilidade do que possa acontecer recairá sobre a Russia exclusiva-mente».

(Continua na 8.ª página)

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

AL CENTRAL DE I

A EUROPA DE HOJE HARMONIA

(Continuação da 3.ª pag.)
corações, reprovaram-no e se a frase do piloto tivesse sido divulgada ele seria tido como uma «farsa fascista».

Tenho satisfação em dizer que o piloto em questão está ainda vivo e já visitou depois da guerra a Riviera francesa.

Os seus antigos companheiros do salão de Cannes juntaram-se, uns ao Partido Comunista e outros ao Partido Trabalhista.

Nesta aparentemente cínica frase, o piloto do «Spittfire» epitomizou para além de uma aspiração o desejo de visitar aquilo que ainda há de mais bonito e atractivo na Europa, para passar umas férias.

É uma experiência bem clara de haver liberdade ou escravidão na Europa o facto de estrangeiros e ingleses poderem viajar livremente no continente.

Em alguns países ninguém, excepto os comissários e burocratas, pode viajar no estrangeiro. Cidadãos particulares não têm liberdade de movimentos e podem ainda ser castigados com a pena de morte se tentarem sair para o estrangeiro sem a autorização dos respectivos Governos.

No Riviera francesa prepara-se o turismo de amonhã

Há ainda muitas restrições que limitam a circulação na Europa. Para os ingleses é vedado o turismo britânico autorizar que uma centena de libras possa ser levada para o estrangeiro, por qualquer pessoa, em cada ano.

Esta quantia, no actual curso do cambio, com os preços das coisas na Europa, é irrisória.

Mas o que é encorajador para o futuro é o facto de Bevin ter um grande amor pela liberdade. E como bom europeu e melhor internacionalista tem grande fé no valor das viagens como meio de promoção a compreensão internacional. Desde que Bevin ocupa o «Foreign Office» disse a vários amigos: «Quando eu deixei o Ministério espero que alguns ingleses e inglesas vão à estação de Vitória e comprem um bilhete para qualquer lugar na Europa sem visto consular, no passaporte».

Parece ser grande a esperança, apesar de haver hoje tantos Governos totalitários pela Europa, que Bevin seja bem sucedido na sua ambição.

Como vai longe o tempo anterior à primeira guerra mundial,

quando o mundo era ainda civilizado!

Antes de 1914 havia apenas um país em que se necessitava de um visto no passaporte: era a Rússia czarista. Hoje, sob a ditadura do proletariado, é ainda a Rússia o país mais difícil de visitar, no mundo.

Na Riviera hoteleiros e proprietários de restaurantes estão a trabalhar para reparar os danos da guerra e transformar novamente esta região num local aprazível. Por agora, ainda há poucos visitantes, pois a época ainda não começou, embora o Casino já esteja aberto, e com os seus interiores restaurados.

Os preços são altos, mas não tanto como em Paris.

EXAMES ANULADOS

GUARDA, 29. — Por se verificar que o ponto de Latim dos exames do 2.º ciclo foi conhecido antecipadamente foram anuladas as provas desta disciplina e repetidas as provas.

O LOUVRE

(Continuação da 3.ª pag.)
descobriram, de resto, a perspectiva única do Arco do Carroussel, do Obelisco, dos Campos Elísios e do Arco do Triunfo. As suas ruínas enegrecidas viriam a ser adquiridas, em 1884. Uma família corsa, inimiga dos Bonapartes, comprou-as para construir um palácio, próximo de Ajaccio, por uma vendetta, que nem criou um segundo Louvre, nem engrandeceu os seus autores.

Como viviam, no Louvre, os reis de França

Todavia, a par destes acontecimentos patéticos, o historiador não poderá omitir a vida sossegada e burguesa que, até Luís XIV, gostaram de levar os soberanos do Louvre. Henrique IV, por exemplo, ainda estava na cama, ao lado de Maria de Médicis, quando Sully e os íntimos vinham cumprimentá-lo, pela madrugada, e cavalegar um pouco com os soberanos, porque esta geração guerreira e trabalhadora levantava-se cedo. O Rei saía da cama às 6 horas, fazia as suas lavagens (muito sumárias para o Bernárs, completas demais para Luís XIII); recebia os epiactos, presidia ao Conselho, ouvia missa e depois jantava por volta das 9 e 30. Não havia garrafeira; o vinho era enviado, dia a dia, por um fornecedor e «provado» por um fidalgo, na própria taça do rei. Seguíamos as audiências e, muitas vezes, um passeio, até às 5 horas da tarde, hora da ceia. Jogava-se depois entre os mais íntimos, aos dados, ao «lansqueten» — e perdia-se, naturalmente. Aos domingos e quintas-feiras, havia baile no Grande Salão (quatro mil convites), às vezes com bailados, trajos de máscara e mitologia, sempre com 30 violinos, 13 alaúdes, 12 «strompettes», 12 tambores — uma grande barulheira! Mas abafava-se a havia alegria. Nas outras cinco

(Continuação da 1.ª pag.)
físico, jurista, teólogo, lógico, historiador, político, diplomata, etc., viveu Leibnitz em período perturbado da história europeia. Frequentou as principais cortes; avistou-se e correspondeu-se com os homens mais ilustres do seu tempo; fundou a sociedade que se tornou a Academia de Ciências de Berlim; propôs a Luís XIV a conquista e exploração do Egipto, que mais tarde Napoleão realizou; pretendeu congregar a cristandade, que se arruinava em lutas entre católicos e protestantes; tentou convencer Pedro, o Grande, a fundar reformas, de que trouxe os planos, para europeizar a Rússia. E deixou ainda como expressão nítida da harmonia do seu belo espírito, uma série de obras filosóficas fundamentais no tratamento de sérios problemas filosóficos e teológicos.

Para o filósofo, o universo era constituído por unidades independentes e diferenciadas, a que chamava mônadas, e a sua coexistência pressupunha a harmonia, aos homens difícil de verificar, mas

que Deus tinha preestabelecido. Os seres da natureza representavam individualmente diferentes graus de energia e gozavam entre si de independência. A lei e a ordem da natureza era a harmonia dos ingredientes que a constituíam. Estes ingredientes — corpo, alma e espírito — eram estruturalmente diferentes e, portanto, não identificados entre si. Esta posição do problema invalidava de forma radical a pretensão que antes e depois anidava a cultura europeia, no propósito de reduzir, por exemplo, a vida à matéria, etc.

Esta concepção da natureza que Leibnitz apresentou em concordância com Aristóteles, opunha-se à filosofia que considerava as diferenças das coisas como aparências enganosas e, para além destas, tudo reduzia à unidade substancial da identidade. A esta última tendência pertence Spinoza. Isto é, relativamente às diferenças que as coisas manifestam, duas atitudes são possíveis: ou as coisas são idênticas entre si e as suas diferenças são aparentes — filosofia da identidade, com vários representantes na história; ou as coisas são, na verdade, diferentes e existem em virtude dessa diferenciação radical e temos então, o que pode chamar-se, filosofia da harmonia, de que Leibnitz é coetâneo e admirável representante.

A oposição entre Spinoza e Leibnitz, e, portanto, a oposição que esquematicamente pretendemos caracterizar entre identidade e harmonia, não foi apenas uma perpétua da filosofia do século XVII. Continuou a manifestar-se posteriormente e, nos nossos dias, voltou novamente a dedicar-se grande atenção ao pensamento de Leibnitz, para contrariar as correntes dominantes no século XIX, predominantemente influenciadas pela filosofia da identidade. A atitude de Leibnitz no seu esforço de conciliação dos contrários é a mesma que hoje anima as mais modernas tendências da filosofia.

Segundo o seu pensamento, pode afirmar-se que na natureza não

há contradição, e que esta só existe na razão humana por virtude da sua limitação. E isto é, certamente, a uma incondicional afirmação de optimismo. A suposta imperfeição das coisas é produto do desconhecimento em que o homem está da perfeição do imperfeito, e o mal é parte necessária no conjunto harmónico do mundo. O mal é um bem que o homem ignora como tal. E assim, o mundo em que vivemos é, para Leibnitz, o melhor dos mundos possíveis, porque, se Deus assim e criou, tendo a possibilidade de fazer diferente, é porque o considerou o melhor. O homem, porém, não pode compreender esses desígnios supremos, e considera como mal o que às vezes é bem, e como bem o que às vezes é mal. Um outro filósofo, Schopenhauer, afirmou que o mundo em que vivemos é o pior possível, e que, se fosse um pouco pior, já não seria possível...

NOTÍCIAS PESSOAIS

Na Igreja da Ajuda o rev. monsenhor Pinó Beja concelebrou ontem Carlos Alberto Lopes Oliveira, debuxador de texto, filho do nosso prezado correspondente na Covilhã João Oliveira e de D. Virgínia Lopes Ferreira e Oliveira, com D. Maria Alice de Jesus Petronílio, filha do comerciante José Nunes Petronílio, e de D. Teresa de Jesus Nunes Petronílio. Foram padrinhos por parte do noivo, Mário Pombal Lopes, técnico de Instrução e Companhia e sua esposa D. Alice de Carmo Garcia Pombal Lopes, e por parte da noiva o 2.º tenente da Armada António Lopes e sua esposa D. Narciza Marques Lopes, residentes em Lisboa. Os noivos fixam residência na Covilhã.

NOVA MARCA DE FOSFOROS

Foi autorizada a Companhia Lusitana de Fósforos a fabricar e pôr à venda ao público uma nova marca de fósforos denominada «Potizada», a qual se caracteriza por as caixas conterem 130 fósforos com as dimensões legais, para serem vendidos ao preço de \$75.

EXCURSÕES a PARIS e CÔTE D'AZUR

com estadias em PARIS, NICE, ALPES, MONTE CARLO, CANES, MARSELHA, etc.

A inscrição encerra-se em 6 DE JULHO

MADEIRA e AÇORES

TODOS OS DOMINGOS AO PORTINHO DA ARRABIDA

Trata CONTINENTAL, R. Conceição, 60, 3.º — Telef. 21194

CASA ATLANTICA DE VIAGENS

Agente Oficial: LEONEL GOMES COELHO

Rua Capão, 8 — Telef. 29471 — End. Tel. «Cataviagens»

ACEITAMOS passageiros de 1.ª classe para o barco brasileiro «D. Pedro II», esperado a 14 de Julho, escalando Recife, Salvador (Bahia), Rio de Janeiro e Santos

21.º FOLHETIM DO «DIÁRIO POPULAR» — N.º 4

«O JUNKER E O SAMURAI»

ADAPTAÇÃO DA OBRA DE ACHMED ABDULLAH POR S. SAMPAIO

Compreende agora porque aquele velho Junker do Elba nos honrou seis semanas com a sua presença? Se gaz também é uma arma; pode vencer uma batalha, mais eficaz! Leve-a para o Japão, para a França, para a Inglaterra, para onde quiser, mas leve-a! Combata-mos com as nossas próprias armas, e dê-mos a liberdade. Liberdade! E com um grito histérico, o Professor empurrou o Japonês para fora do escritório.

Takagawa julgava sonhar. Os seus pensamentos eram confusos. Aprenderás não para ti, mas para o Japão, tinha lhe dito o avô, e

ele tinha aprendido um grande segredo — para o Japão. Porque eis que ao passar pelo quiosque dos jornais via em grandes letras: «O Japão ao lado da Inglaterra. A guerra é inevitável.» A guerra inevitável, e ele era um Samurai, obrigado pela tradição a combater, mesmo da fraqueza que o impedia de manejar a «espada dos seus maiores», e o gaz cuja fórmula ele tinha guardada no cérebro? Essa seria a sua espada! Mas primeiro era preciso sair da Alemanha.

O Capitão von Willmowitz, junto de quem chegou facilmente graças ao bilhete do Barão, ao en-

trar-lhe os passaportes prontos para o dia seguinte, recomendou-lhe com insistência: «Tenha cuidado em não levar nada escrito, pois serão ambos examinados na fronteira» — e Takagawa escondeu um sorriso.

Voltois para a pensão, pagou a conta e ordenou a Kaguchi que fizesse as malas. Cuidadosamente queimou todos os apontamentos. Mas, pouco a pouco, imperceptivelmente, uma dúvida foi-se insinuando no seu espírito. «Tinha ele aprendido com honra? Viera para aprender, e os estrangeiros tinham partilhado com ele toda a sua sabedoria. O Professor Keutzer? Esse não contava. Era um traidor. Mas o amigo, o Samurai Prussiano, com quem tinha trabalhado lado a lado, e que o ajudava a partir? Sim, ele era forçado a entregar o segredo a Nippon — mas isso era quebrar a lei da hospitalidade, a sua própria honra. Portanto ele tinha aprendido com honra, mas não podia, honrosamente, empregar a sua sabedoria. Um grande soluço estrangulou-se-lhe na garganta. Voltou-se pa-

ra o criado. «Amas-me Kaguchi? — «O meu coração está entre as tuas mãos.» — «Confias em mim?» Kaguchi endigou-lhe: «Tu és um Samurai, oh! Takamori-san! A espada de Kishu é impoluta — E impoluta permanecerá. E por isso tu vais aprender as palavras estrangeiras que te vou ensinar.» E durante horas patrão e criado trabalharam até o velho ser capaz de repetir os estranhos sons sem se enganar.

«Não esquecerás?» — «Não.» — «Kaguchi irás a Londres. Ai procurarás o embaixador do Nippon. Dir-lhe-ás o que te ensinei, e insistirás em que é uma arma mais poderosa do que as nossas duas espadas. Pedir-lhe-ás que transmita ao meu muito respeitado avô que eu aprendi esta fórmula com honra, mas que não posso levá-la à Pátria sem sem ficar desonrado. E por isso...».

Kaguchi dobrou-se numa reverência. Tinha compreendido, e aprovava.

Voltará daqui a meia hora para me cruzares as mãos segundo o costume antigo. O velho criado,

impassível, curvou-se, e sem uma palavra deixou o quarto.

O jovem Samurai sorria, uma velha citação presente ao espírito: «Desvendarei a minha alma com sofrimento, e mostrar-te-ei para que vejas se está poluída ou limpa.»

Dum estorfo de laca tirou um punhal, esplêndido e antigo, laminado com o cabo de ferro forjado do feitio dum crisantemo. Depois os trajos europeus, e vestiu um amplo kimono branco sem costuras, de longas mangas.

Ajoelhou vagarosamente, e com cuidado, segundo os ritos, dobrou as amplas mangas sob os joelhos para evitar de tombar para trás, porque um Samurai deve, ao morrer, cair para diante. Tirou o punhal da bainha. Um movimento, e o brânco kimono tingiu-se de carmesim. Caiu para a frente.

Assim o encontrou o Barão von Eschinger ao entrar meia hora mais tarde com Kaguchi.

«Hara-Kiri! disse ele. Sim compreendo, é a honra japonês.»